

**PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO: REFLEXÕES SEMÂNTICO-LEXICAIS**

**LINGUISTIC ATLAS PROJECT OF NORTHERN MATO GROSSO: SEMANTIC-LEXICAL REFLECTIONS**

Antonio Tadeu Gomes de AZEVEDO  
UNEMAT/Campus de Sinop, Brasil  
[tadeu.unemat@hotmail.com](mailto:tadeu.unemat@hotmail.com)

NeusaInês PHILIPPSEN  
UNEMAT/Campus de Sinop, Brasil  
[neusa@unemat-net.br](mailto:neusa@unemat-net.br)

**RESUMO**

Este artigo, que se fundamenta nos procedimentos metodológicos da Sociolinguística e da Geolinguística contemporânea, tem o propósito principal de apresentar o projeto *Atlas Linguístico do Norte do Estado de Mato Grosso* e de mostrar o registro de variantes semântico-lexicais trazidas por grupos distintos de migrantes ao Norte de Mato Grosso. Os resultados de pesquisa nos mostram que há uma enorme diversidade linguística neste espaço geográfico em análise. Os fatores extralinguísticos destacam-se como os principais responsáveis por esta diversificação, principalmente, as origens geográficas, o contato dialetal entre migrantes e o tempo de escolaridade. Compreende-se que o estudo dessa diversidade e a elaboração de um atlas linguístico nesta região do país, integrante da Amazônia Legal, possam contribuir para o reconhecimento das diferenças sociais e linguísticas, as quais podem levar a uma nova postura da escola diante do ensino da língua materna e do tratamento das diversidades.

**Palavras-chave:** Geolinguística; Sociolinguística; Variantes semântico-lexicais; Atlas Linguístico; Norte de Mato Grosso.

**ABSTRACT**

This article, which is based on methodological procedures of Sociolinguistics and contemporary Geolinguistics, aims principally to present the Linguistic Atlas Project of Northern Mato Grosso and show the record of semantic-lexical variations brought by distinct groups of migrants to the North of Mato Grosso. The results of this research show us that there exists a huge linguistic diversity in this geographical space in analysis. The extra-linguistic factors stand out as the main responsible for this diversification, principally the geographical origins, the dialectal contact between migrants and schooling time. We understand that the study of this diversity as well as the working up of a linguistic atlas in this region of the country which integrates the Legal Amazon, may contribute with the recognition of the socio and linguistic differences that may lead to a new attitude in school concerning the native language teaching and the treatment of diversities.

**Keywords:** Geolinguistics; Sociolinguistics; Semantic-lexical variations; Linguistic Atlas; Northern Mato Grosso.

## 1- Introdução

O projeto<sup>47</sup> sobre o *Atlas Linguístico do Norte do Estado de Mato Grosso* surgiu com o objetivo principal de elaborar um atlas linguístico regional para registrar em cartas as variantes diatópicas lexicais, bem como levantar e quantificar a população quanto a sua origem geográfica e a sua distribuição na região. Ressalta-se, também, o escopo de estabelecer a relação entre a variação lexical e a procedência destes sujeitos.

O presente estudo fundamentou-se na Geolinguística contemporânea e na Teoria da Variação Linguística, iniciada e desenvolvida por Labov, com vistas à elaboração de um conjunto de cartas em que se registraram os traços lexicais característicos da língua portuguesa neste determinado âmbito geográfico.

Para tanto, as pluridimensionalidades dos informantes foram definidas através dos seguintes parâmetros: diageracional - 21 a 35 anos e 55a 75 anos; diassexual - 50% homens e 50% mulheres; escolaridade máxima – ensino fundamental; topodinâmico, ou tempo de migração - mais de 15 anos de residência na localidade; diatópico - migrantes de regiões distintas, com representatividade acima de 5% na população total de cada município.

O questionário aplicado foi o Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), elaborado a partir das seguintes áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, flora, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e vida urbana. Este questionário foi aplicado a 88 informantes oriundos de 06 Estados diferentes.

Para a observação do contato dialetal que acontece no Norte mato-grossense, elaboramos alguns mapas de identificação registrando o processo de ocupação da região. A variação diatópica lexical também foi registrada em um banco de dados com as variantes trazidas pelos informantes como respostas às questões do QSL. Vale ressaltar que este trabalho de pesquisa foi desenvolvido em 20 pontos de inquérito, abrangendo 20 municípios do Norte do Estado de Mato Grosso. Apresentaremos, na sequência deste artigo, apenas o recorte das considerações analíticas tecidas à questão: *Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?*

---

<sup>47</sup> Esta pesquisa é integrante do projeto “Diversidade e variação linguística em Mato Grosso – DIVALIMT”, desenvolvido na UNEMAT/Sinop.

Cabe salientar, ainda, que para se ensinar a língua materna é interessante que se conheça a língua (viva) falada pela população. Assim, como um atlas linguístico não tem um fim em si mesmo, é fundamental que se levem os resultados desta investigação a toda comunidade científica e demais interessados na área, para que se promova a articulação entre a universidade e demais profissionais, especialmente docentes de língua portuguesa.

## **2- Apontamentos teórico-metodológicos**

Nos últimos 60 anos muitas mudanças aconteceram no cenário brasileiro, a população cresceu, migrou para os grandes centros urbanos e para as novas fronteiras agrícolas no Centro-Oeste e na Amazônia, as transformações sociais, econômicas, políticas e estruturais foram profundas. O rádio e a televisão invadiram quase todas as casas. A escola pública foi garantida para todas as crianças de 07 a 14 anos e com isso o analfabetismo diminuiu. Inúmeras estradas cortaram o país de leste a oeste e de norte a sul, com o objetivo de ocupar e integrar o país. A rede de telefonia chegou aos mais longínquos lugares. Várias universidades foram criadas. A industrialização mudou a cara e a vida nas grandes cidades. A mecanização agrícola expulsou milhares de agricultores de suas terras. O computador passou a ser um bem de consumo para milhares de brasileiros.

Assim, o quadro histórico-social do Brasil atual, acrescido da necessidade do conhecimento sistemático e geral da realidade linguística brasileira, para um ensino adequado do caráter multicultural do país, com respeito às diversidades, serve como argumento para que se concretizem estudos mais amplos que levem a nossa língua ao conhecimento global. Estudos estes, contudo, que não podem perder de vista o “senso de realismo, sem o qual não há nenhuma esperança para a Dialectologia e conscientes de que esta só se aprende a fazer... fazendo” (ROSSI, 1974, p. 112).

Com relação aos aportes teórico-metodológicos utilizados nesta pesquisa, como anteriormente citado, destacam-se dois modelos: a Teoria da Variação Linguística laboviana e a Geolinguística contemporânea, que em alguns pontos convergem, noutros divergem e em vários se complementam. Atualmente defende-se, cada vez mais, a integração desses dois modelos num único sistema conceitual dentro da Geolinguística, como preconizaram em *La Dialectología* J. K. Chambers e P. Trudgill (1994). Esta pesquisa, por sua vez, procura unir o que a Dialectologia tradicional tem de melhor no

campo da Geografia Linguística ou Geolinguística com aquilo que a proposta laboviana tem de avanço no estudo das variantes sociais.

De acordo com Cardoso,

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, dialetologia e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento dos dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas. (CARDOSO, 2010, p.26).

Nesse sentido, acreditamos que o estudo da diversidade social e linguística, através da Teoria da Variação Linguística, e a elaboração de um atlas linguístico regional, através dos procedimentos metodológicos da Geolinguística, poderão contribuir para o entendimento do processo dialético, para o reconhecimento as diferenças desta região e para uma nova postura da escola diante do ensino da língua materna.

Desse modo, para a perspectiva diatópica dos fatos considerados na pesquisa fez-se uso dos pressupostos teóricos delimitados pela Dialetologia, enquanto para o tratamento dos fatores sociais lançou-se mão de alguns procedimentos metodológicos da Sociolinguística laboviana, ainda que adaptadas à especificidade desse trabalho, tais como a observação do perfil dos sujeitos e sua organização sociocultural, a divisão genérica e níveis de instrução, assim como a postura a ser adotada pelo pesquisador.

Assim, com o propósito de registrar em cartas as variantes léxicas, estabelecemos previamente as seguintes etapas: a) estudo do espaço histórico e social; b) seleção dos pontos de inquérito; c) escolha dos informantes; d) coleta dos dados; e) sistematização e análise dos dados e f) confecção de cartas ou do atlas linguístico propriamente dito.

Com relação aos informantes, duas questões foram consideradas: o número de informantes, por grupo representativo em cada ponto de inquérito, mínimo de 02 e máximo de 08, sendo 50% homens e 50% mulheres; e os critérios de seleção observados: migrantes de regiões distintas com representatividade significativa (+5%), idades entre 21 a 35 anos e 55a 75 anos, instrução máxima - ensino fundamental completo, profissão variada e boa saúde e fonação.

Para a escolha dos informantes, que representassem o falar de cada região de origem, buscamos ajuda com os líderes e presidentes de comunidades, associações de

moradores, representantes religiosos e professores do ensino fundamental, os quais intermediavam os primeiros contatos. Algumas vezes esses líderes mesmos preenchiam os requisitos como informantes. Inicialmente a conversa com os candidatos a informantes era informal, depois era preenchida a ficha (Ficha do Informante) para facilitar a seleção. Uma vez escolhido o informante, marcávamos a entrevista, que na maioria das vezes realizava-se na sua residência ou na escola do bairro.

Dessa forma, 88 informantes foram entrevistados, número que atingiu a representatividade significativa que objetivávamos de forma que fossem representadas todas as regiões ou comunidades de origem, distribuídos em 20 pontos de inquérito que abrangeram os seguintes municípios do Norte do Estado de Mato Grosso: Paranaíta, Alta Floresta, Carlinda, Nova Guarita, Nova Canaã do Norte, Colíder, Nova Santa Helena, Itaúba, Sinop, Santa Carmem, Vera, Cláudia, Feliz Natal, União do Sul, Marcelândia, Terra Nova do Norte, Peixoto de Azevedo, Matupá, Guarantã do Norte e Novo Mundo.

Com a realização da primeira etapa do projeto, mais especificamente o estudo dos aspectos geoeconômicos, históricos e populacionais de cada município que compõe a região, definimos como significantes, isto é, como representativos, os grupos originários dos seguintes Estados da Federação: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Maranhão; formando, assim, 06 grupos de origens distintas.

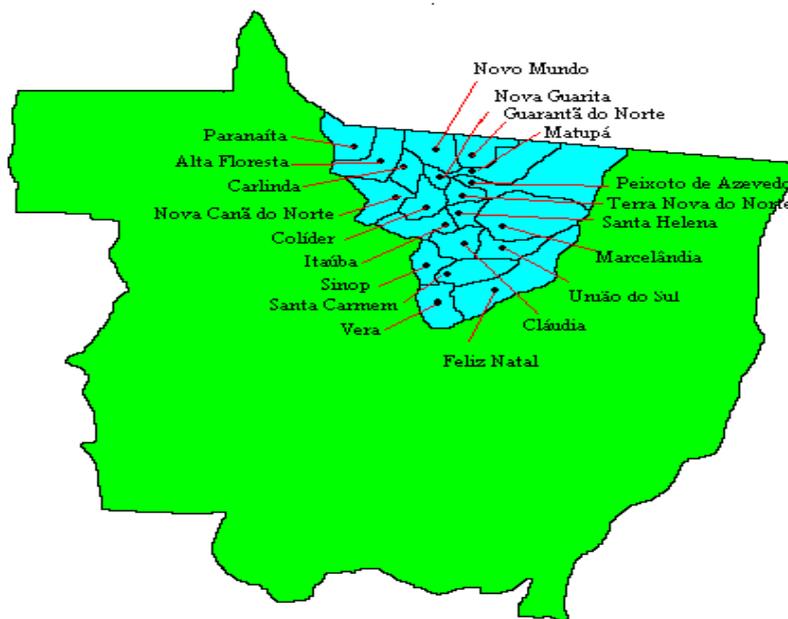
No mapa, abaixo, pode-se conferir o percentual de migrantes provenientes de cada um destes Estados e que residem atualmente no Norte mato-grossense. Ressalta-se que desconsideramos, como grupo significativo, os nascidos em Mato Grosso do Sul e no Pará, pois os primeiros são filhos/descendentes de ex-moradores de um dos três Estados do Sul considerados para análise e os segundos de migrantes advindos do Maranhão. Já os nascidos em Mato Grosso são, principalmente, filhos dos primeiros colonizadores.



Mapa 1: Percentual de migração ao Norte de Mato Grosso.

Fonte direta.

No mapa seguinte pode-se verificar a disposição exata, no Norte de Mato Grosso, dos 20 pontos de inquérito em análise:



Mapa 2 - Municípios do Norte do Estado de Mato Grosso.

Fonte direta.

Vale ressaltar que a população destes municípios, pontos de inquérito, varia de 3.475 (em Nova Santa Helena) a 111.643 (em Sinop) habitantes<sup>48</sup>, nas localidades.

Cabe destacar, ainda, que a constituição do falar é recente no cenário do Norte de Mato Grosso, pois a colonização mais expressiva deste espaço geográfico ocorreu há

<sup>48</sup>De acordo com dados do censo 2010, publicados no Diário Oficial da União do dia 04 de nov. de 2010.

pouco mais de quatro décadas, região esta popularmente chamada de Nortão, situada na Amazônia Legal mato-grossense- área de floresta tropical, que se encontra entre o Cerrado e a Serra do Cachimbo no Sul do Pará. A imensa floresta da Amazônia do Norte de Mato Grosso sofreu profundas transformações com a chegada de centenas de grupos oriundos, praticamente, de todas as regiões do país. Isso porque durante as décadas de 70 e 80 o governo militar do Brasil "investiu" em programas de colonização em regiões da Amazônia e do Cerrado, que considerava desabitadas, sem respeitar as tribos indígenas que ali viviam, e sem levar em consideração o impacto ecológico e social que ocorreria.

Nessa época, a população marginalizada do chamado "milagre econômico brasileiro"<sup>49</sup> e fruto da "ditadura militar" começava a organizar-se enquanto movimentos e grupos, com o apoio de setores da Igreja Católica, Partidos de Esquerda e Movimentos revolucionários, entre os quais citamos: os desabrigados de suas terras devido à construção de hidroelétricas, os colonos expulsos das reservas indígenas, os sem-terra, os migrantes nordestinos vítimas da seca, os desempregados dos grandes centros, os brasiguaios - brasileiros expulsos do Paraguai -, dentre outros.

É, portanto, para essa população, que inicialmente compôs as primeiras levas de migrantes vindas ao Norte mato-grossense, que lançaremos um olhar mais significativo, uma vez que se compreende que o estudo dessa diversidade e a elaboração de um atlas linguístico neste espaço geográfico possam contribuir para o reconhecimento das diferenças sociais e linguísticas, as quais podem levar a uma nova postura da escola diante do ensino da língua materna e do tratamento das diversidades. Também acreditamos que a valorização e o respeito aos povos, às minorias, aos grupos sociais, poderão começar pelo reconhecimento de "seus modos de falar" - que nada mais são que a revelação de seus sentimentos, desejos, emoções e experiências.

Neste sentido, espera-se que o *Atlas Linguístico do Norte do Estado de Mato Grosso* sirva como instrumento de reflexão no tocante à inclusão dos migrantes como representantes significativos na formação das variantes do português brasileiro, principalmente através do intenso contato dialetal a que diariamente estão submetidos em suas comunidades linguísticas.

Importa ressaltar, ainda, a relevância e a pertinência desta pesquisa, não só para a Universidade do Estado de Mato Grosso, mas também para a comunidade científica, para a

---

<sup>49</sup> Durante o governo "desenvolvimentista" de Juscelino Kubitschek e do governo militar, houve um acelerado crescimento da industrialização e da implantação de obras de infraestruturas. Por isso chamou-se esse período de "milagre econômico brasileiro", como forma de exaltar os governos e encobrir a repressão policial.

sociedade e para as instituições escolares. Esta relevância se deve também ao fato de que o modelo de investigação sobre a diversidade linguística, que constitui o Norte do Estado de Mato Grosso, produto das migrações ocorridas nas últimas décadas, é considerado atípico, visto que pesquisar a fala de diversos grupos, de diferentes origens, em locais de recente colonização, não é algo comum na Geolinguística, mas é possível de ser estudado.

Essa atipicidade está relacionada à proposta de estudos sobre diversidade linguística pensada por Antenor Nascentes, inicialmente em 1922, e reafirmada em 1953 na obra *O linguajar carioca*, na qual aponta as seguintes divisões e subdivisões de falares: Norte = amazônico e nordestino; Sul = baiano, mineiro, fluminense e sulista, além de um espaço delimitado ao oeste e ao norte de Mato Grosso, parte de Goiás, de Rondônia e do atual território de Tocantins, que denomina como território incaracterístico<sup>50</sup>, conforme podemos ver no mapa abaixo:



Mapa 3: Divisão de falares no território brasileiro, conforme Nascentes (1953).

Fonte: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/DivisaoDialetoal>. Acessado em 04 de abr. de 2012.

Essa configuração adotada por Nascentes continua ainda em grande proporção a ser adotada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, conforme aparece descrito nos *Crêterios de seleção de localidades*<sup>51</sup> indicados no *site* do Projeto, pois “muito

<sup>50</sup>Este enunciado refere-se ao fato de pressupor uma região quase despovoada, portanto, no que concerne à língua, pouco expressiva para ser catalogada ao lado de outras línguas do contexto nacional. Assim, essa predicação mobiliza sentidos que se ligam, necessariamente, à representação quantitativa de seus falantes. (ALMEIDA, 2008).

<sup>51</sup>PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Crêterios de seleção de localidades**. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/RedePontos>. Acessado em 04 de jan. de 2014.

contribuiu para a escolha das localidades a consulta aos pontos sugeridos por Antenor Nascentes [...] sido mantidas as localidades que ainda se mostravam pertinentes para os objetivos do trabalho.”

Assim, ainda que estudos linguísticos mais recentes atestem validade à divisão dialetal do Brasil realizada por Nascentes, tal como o faz a linguista Suzana Cardosa em sua obra *A dialectologia no Brasil: perspectivas* (1999) e, por essa razão, o Norte mato-grossense continua a ser visto como espaço incharacterístico e com insuficiência demográfica para a realização de pesquisas geolinguísticas, compreendemos, contudo, em consonância com Almeida (2008), que deixar de registrar os falares de comunidades linguísticas em formação pode levar ao apagamento das realizações linguísticas e ao silenciamento dos fenômenos linguísticos regionais em uso por aqueles que significam o português nesses espaços.

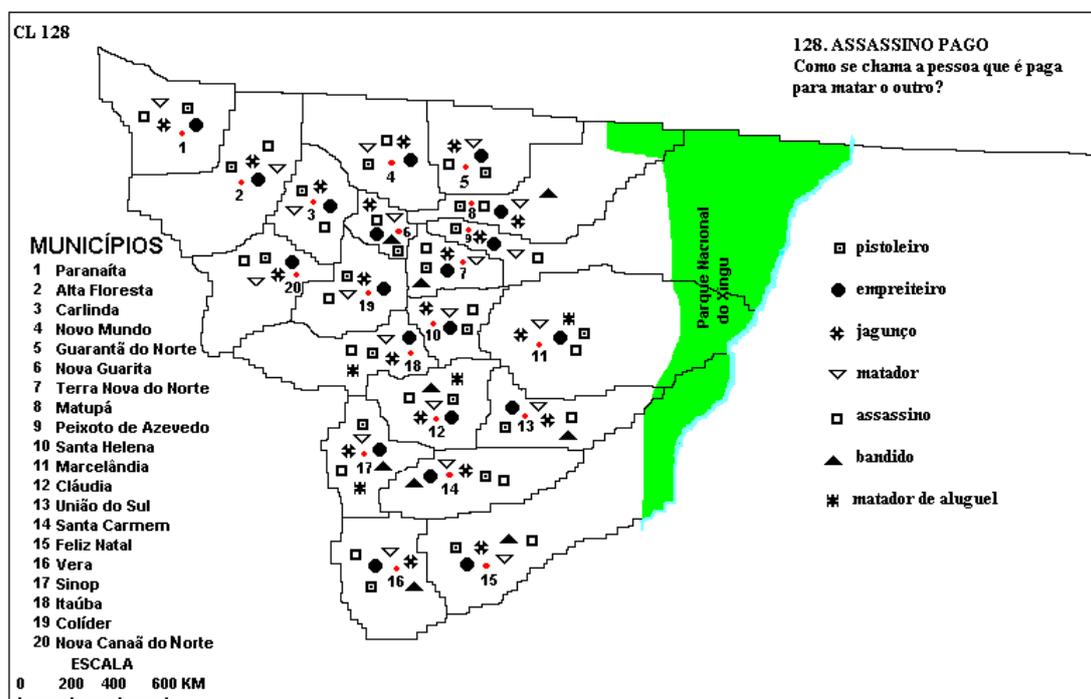
Dessa forma, a escolha do espaço geográfico ao Norte de Mato Grosso se deve não só por coincidir com a região em que se localiza a UNEMAT/Sinop, Universidade em que atuamos como professores e pesquisadores, mas também por se entender que permanecer durante décadas tendo como referencial apenas a divisão dialetal estabelecida por Antenor Nascentes é negar o avanço da Geolinguística, o dinamismo da língua e a mobilidade da população. Este coibir pode, inclusive, comprometer os rumos do projeto nacional, bem como a visão da multidimensionalidade da língua no país.

### **3- Considerações analíticas: reflexões semântico-lexicais**

Fazer um atlas linguístico que retrate as isoglossas léxicas de uma região recente e complexa não se mostrou tarefa fácil, mesmo assim acreditamos que focar fatos históricos ainda não registrados é buscar historicizar os dados linguísticos com os quais estamos trabalhando e, fundamentalmente, inscrevê-los na rede constituinte da organização geoespacial dos falantes norte-mato-grossenses. Elaborar o *Atlas Linguístico do Norte do Estado de Mato Grosso* a partir desta perspectiva, portanto, é ir além da descrição, é mudar de postura, é considerar o falante pluridimensional, é considerar a língua pluridimensional.

Como já enaltecido na parte introdutória deste artigo, exporemos nesta apresentação, tão somente por questões espaciais, apenas o recorte das considerações analíticas tecidas à questão: *Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?*

Na carta, a seguir, podem-se observar os itens lexicais que foram dados como respostas a essa questão do QSL e as cidades/pontos de inquérito em que foram mencionados pelos informantes:



Mapa 4: Mapa linguístico referente à questão 128.

Fonte direta.

Conforme podemos verificar na carta acima, referente à questão supracitada, são cincoos itens lexicais que se apresentam em todos os 20 pontos de inquérito: *pistoleiro*, *jagunço*, *matador*, *assassino* e *empreiteiro*. Um destes itens, *assassino*, coincide parcialmente com o tema de propositura desta questão, a expressão *assassino pago*. Outro item lexical e uma expressão também se destacam dentre as respostas trazidas ao *corpus*, são eles: *bandido* (falado em Sinop, Santa Carmem, Vera, Feliz Natal, Cláudia, União do Sul, Terra Nova do Norte, Matupá e Nova Guarita) e *matador de aluguel* (proferida em Itaúba, Sinop, Cláudia e Marcelândia).

Nesse contexto de utilização responsiva, nos pontos de inquérito selecionados, é possível observar a confluência social, cultural, econômica e histórica que levam ao encontro da norma semântico-lexical da língua portuguesa falada nesta região em estudo, ou seja, a “regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação no dia-a-dia”. (SALOMÃO, 2011, p.190).

Cabe salientar que os conceitos fundamentais que abarcam esse fenômeno da linguagem são os relacionados à distinção tripartida apresentada por Coseriu (1979)

entre *sistema*, *norma* e *fala*. É importante compreender, assim, que para os falantes de uma língua, tal como exposto por esse autor (Idem, p.231), a funcionalidade atual implica sempre em uma superação do ‘atual estado da língua’ para o futuro. Dessa maneira, “a língua atual não é apenas conjunto de formas já realizadas, modelos atualizáveis, mas também é técnica para ultrapassar o realizado, ‘sistema de possibilidades’ (sistema)”.

Assim, para melhor compreensão de tal *sistema de possibilidades*, Coseriu acrescenta um elemento intermediário entre a virtualidade da língua e os atos de fala, a norma: *sistema/norma/fala*:

[...] a norma abrange fatos linguísticos efetivamente realizados e existentes na tradição, ao passo que o sistema é uma técnica aberta que abrange virtualmente também os fatos ainda não realizados, mas possíveis de acordo com as mesmas oposições distintivas e as regras de combinação que governam seu uso. (COSERIU, 1980, p.123).

Para esse autor, há, pois, um conjunto de normas sociais na fala coletiva de uma comunidade que deve ser considerado em um estudo geolinguístico, bem como é necessário observar que uma língua histórica apresenta sempre variedades internas, que se alinhavam, essencialmente, a partir das diferenças geográficas (diatópicas), entre os estratos socioculturais de uma comunidade linguística (diatráticos) ou ainda entre os distintos tipos de modalidade expressiva (diafásicos).

O conjunto de normas, no caso específico da carta que apresentamos, refere-se aos cinco itens lexicais falados em todas as vinte cidades pesquisadas, *pistoleiro*, *jagunço*, *matador*, *assassino* e *empreiteiro*, visto que há “regularidade e sistematicidade” com relação a estes itens, que representam, assim, a norma linguística destes espaços geográficos.

A constituição dessa norma, por sua vez, está diretamente ligada à ocupação que se deu na região Norte mato-grossense, que, como já enaltecido anteriormente, foi mobilizada essencialmente por migrantes em busca de terra para plantio, e, dessa forma, não aconteceu de forma ‘inocente’ como muitos registros históricos querem nos fazer crer, mas sim, de acordo com Picoli (2004, p. 27), em meio a conflitos dramáticos que se acentuavam, sobretudo, ao longo dos eixos rodoviários. Segundo nos informa esse autor, “ocorreram inúmeros confrontos, com envolvimento de soldados, **jagunços**, **pistoleiros**, grileiros, colonos, índios, latifundiários e posseiros. Nesta região se evidenciou a concentração da propriedade e, assim, a luta pela terra retrata a face ‘selvagem’ do capitalismo brasileiro” (grifos nossos).

Em consonância com essas assertivas de Picoli (2004), encontram-se, também, relatos integrantes das narrativas que se encontram nos apêndices do trabalho de doutorado de Philippsen (2013, p.971), mais especificamente de um pioneiro da cidade de Sinop, chamado de S12 M, os quais deixam afluir o contexto sócio-histórico e os acontecimentos e as ações desenvolvidas na região no início de sua colonização, conforme os seguintes excertos:

Chegou numa altura lá, deu uma foiçada no velhinho, matô o velhinho, cortô a orelha do velhinho e veio embora com a orelha pra ganhá a grana. É, **pistoleiro**, né, que não tem nada pra perdê; **comohoje ainda também**. Na época tinha mais, tinha bastantinho. [...] Um dia, na Igreja Santo Antônio, você conheceu o Padre João? [...] os primeiros tempo o Padre João, ele andava com revólver na cinta. Nas festa andava com um Trinta e Oito aqui (gesto) na cinta. Sofria ameaça. Tinha **jagunço**, gente que não gostava dele dizia *oh, tu cai fora senão tu vai morrê*. Assim por mixaria. [...] Por isso que o Padre precisava disso.

Vale observar, por sua vez, que, conforme Portela e Oliveira (1991, p.15), os *jagunços, pistoleiros* ou *seguranças* são “contratados por grileiros, empreiteiros ou empresários para patrulhar as suas terras e expulsar delas os posseiros.” No entanto, se verificarmos que o *Dicionário Houaiss* (2004, p.1128) diz que *empreiteiro* é “que ou o que faz obra de empreitada”, sendo *empreitada* “1. obra por conta de outrem, mediante retribuição estipulada antecipadamente; tarefa. 2. trabalho estipulado para pagamento global, e não parcelado”, estes sentidos permitem que se atribua a este item lexical também o significado/norma dado a ele no Norte de Mato Grosso, ou seja, o de *pessoa que é paga para matar alguém*, distintamente da conceituação pensada por Portela e Oliveira, em que o *empreiteiro* seria apenas o contratante e não quem executa a ação de *matar alguém*.

Com relação à representatividade dos grupos originários quanto aos usos dos itens trazidos como respostas à questão em análise, o quadro abaixo exemplifica a distribuição desses usos entre os 06 grupos de origens distintas que destacamos:

TEMA	MINEIROS	PAULISTAS	MARANHENSES	PARANAENSES	CATARINENSES	GAÚCHOS
ASSASSINO	jagunço	pistoleiro	pistoleiro	pistoleiro	pistoleiro	pistoleiro
PAGO	pistoleiro assassino	jagunço assassino	matador jagunço	empreiteiro matador matador de aluguel assassino	empreiteiro	bandido empreiteiro

Quadro 1: Itens lexicais trazidos como respostas por grupos de origens.

Fonte direta.

Quanto ao âmbito de utilização dos itens relacionados às origens, que compõem o quadro responsivo da pergunta supracitada, verificamos, ao consultar o *Dicionário do Nordeste* (2004), de Navarro, mais especificamente sobre o item *jagunço*, as seguintes acepções:

**JAGUNÇO** O Dicionário do folclore brasileiro, de Câmara Cascudo, informa que, originalmente, na BA e em PE, era um pedaço de madeira com uma ponta de ferro agudo, uma arma de defesa pessoal (ou de ataque): “Passou a **jagunço** quem o manejava profissionalmente e jagunçada a reunião de **jagunços**, significando valentões assalariados, capangas, bandoleiros, correspondendo aos cangaceiros do século XX”. (NAVARRO, 2004, p.196) (grifos do autor).

Portanto, de acordo com a entrada registrada neste dicionário, o item lexical *jagunço* encontrou espaço de disseminação, fundamentalmente, no Nordeste brasileiro, podendo esta ser a justificativa à sua maior utilização pelos maranhenses, seguidos pelos mineiros e pelos paulistas, o que pode ser explicado pela proximidade de Minas Gerais com os Estados nordestinos, assim como pela grande migração destes ao Estado de São Paulo. Já o item *empreiteiro*, ainda que não localizado especificamente em nenhum dicionário do Sul do país, aparece como uma das preferências de uso dos migrantes paranaenses, catarinenses e gaúchos.

Quanto ao item lexical *pistoleiro*, destaca-se com alta distribuição, isto é, falado pelos migrantes de todas as regiões brasileiras, sendo esta a preferência responsiva de todos os entrevistados em todos os pontos de inquérito. Dessa forma, conclui-se, em consonância com Barbosa (1989), que a norma de uso linguístico em uma comunidade define-se, de um ponto de vista, como o conjunto de modelos de realizações concretas, e

de outro, como o conjunto dos fatos de distribuição regular nos discursos dos sujeitos falantes.

#### **4- Considerações Finais**

Por causa das grandes levas de migrantes, formou-se, no Norte do Estado de Mato Grosso, uma sociedade muito diversificada cultural e linguisticamente devido às origens dos grupos. A estratificação social resultante da rápida concentração da renda e do relativo isolamento da região em relação ao restante do país constitui, principalmente nos campos lexical, semântico, morfológico e fonológico, um vasto campo para as pesquisas sociolinguísticas, dialetológicas, geolinguísticas, etnolinguísticas e outras.

A convivência desses grupos de origens geográficas distintas nestas comunidades linguísticas longe de ser apenas pacífica gerou conflitos, ou melhor, acirrou os antigos (Norte x Sul, Sudeste x Nordeste, Sul x Sudeste, Nordeste x Sul), isso tanto nos campos social e econômico quanto no linguístico, e cada grupo com seu “falar característico” procurou, inicialmente, preservar sua identidade e/ou impor a sua cultura.

Dessa forma, como vimos no item anterior, em que tecemos reflexões analíticas sobre as variantes semântico-lexicais registradas, a constituição da norma linguística no Norte mato-grossense está diretamente ligada não só à ocupação que se deu nesta região, como também ao contexto conflitivo supracitado, conforme a representatividade dos grupos originários. É, portanto, a partir desse embate que se deve observar o conjunto de normas sociais na fala coletiva desta comunidade linguística.

Não se pode desconsiderar, também, o processo de ajustamento à vida urbana subsequente, visto que o espaço geográfico encontrado pelos migrantes à época de sua chegada ao Norte de Mato Grosso nos anos 1970 era inicialmente de mata fechada, aos poucos foi se transformando em um espaço agropecuário e, finalmente, os pequenos povoados e vilas se transformaram em cidades que, atualmente, vêm deixando de ter características rurais.

Dessa forma, os migrantes, e, ainda em maior proporção, os seus descendentes, vão perdendo, gradualmente, suas identidades originárias, pois tendem a contrair novas relações sociais e culturais e, conseqüentemente, linguísticas.

Após todos esses apontamentos feitos, e sem deixar de realçar as possibilidades outras de leituras, compreendemos que atingimos os objetivos de mostrar um pequeno recorte de como o falar no nível semântico-lexical da região Norte mato-grossense foi

constituído, e ainda se constitui, além de demonstrar a relevância e a pertinência desta pesquisa para a comunidade científica, para a sociedade e para as instituições escolares.

## Referências

- ALMEIDA, E. de. Língua da Fronteira: uma cartografia discursiva. In: BARONAS, R. L. **Estudos discursivos em Mato Grosso: limiares**. São Carlos: Pedro & João Editores/Cuiabá: Ed. UFMT, 2008.
- BARBOSA, M. A. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos In: **Anais do IV encontro nacional da ANPOLL**. Recife: ANPOLL, 1989.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CARDOSO, S.A. M. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. **D.E.L.T.A**, Vol. 15, Nº Especial, 1999 (233-255).
- \_\_\_\_\_. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CHAMBERS, J.K. y TRUDGILL, P. **La Dialectologia**. Trad. Carmen M. Gonzalez. Visor Libros: Madrid, 1994.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Presença, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Lições de Lingüística Geral**. Trad. do Professor Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Resultados do Censo. **Dados do censo 2010 publicados no Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro: nov. de 2010. Disponível em: [http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=51](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=51). Acesso em 19 de nov. de 2013.
- LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Trad. espanhola por José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra. Trad. de: Sociolinguistic Patterns, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- NAVARRO, F. **Dicionário do Nordeste: 5000 palavras e expressões**. [1956]. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- PHILIPPSEN, N. I. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP), 2013.
- PICOLI, F. **Amazônia: a ilusão da terra prometida**. Sinop: Ed. Fiorelo, 2004.
- PORTELA, F; OLIVEIRA, A. U. de. **Amazônia**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Critérios de seleção de localidades**. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/RedePontos>. Acessado em 04 de jan. de 2014.

ROSSI, N. Dialectologia. In: **Enciclopédia Mirador Internacional**. Enciclopaedia Britannica do Brasil, vol. 7, s.v., 1974.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e Mudança Linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.